

DESENHOS E MAPAS: REPRESENTAÇÕES E IMAGENS DO URBANO

Janaina A. M. Silva Marandola

Geógrafa, Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Claro). Professora da Rede Pública do Estado de São Paulo. Caixa Postal 141, CEP 13170-970, Sumaré, São Paulo, Brasil. janaalenc@yahoo.com.br.

Lívia de Oliveira

Geógrafa, Professora Titular do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (IGCE/UNESP-Rio Claro)

Resumo: A partir de uma experiência didática desenvolvida com alunos da 6ª Série do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Sumaré, no Estado de São Paulo, Brasil, procuramos refletir sobre as representações e imagens do urbano contemporâneo em sua interface com a educação geográfica. O objetivo central é promover a cartografia escolar entre os pré-adolescentes, idade onde as capacidades de orientação espacial, lateralidade e de representação do espaço já devem estar desenvolvidas. Para isso, a metodologia utilizada envolveu a confecção de desenhos pelos alunos, com o tema “Desenhe Sumaré”. O resultado foi diferentes mapas mentais da cidade, que revelaram imagens e representações do urbano. A partir dos desenhos, identificamos os principais marcos espaciais e analisamos as imagens que os alunos representaram, as quais revelam aspectos de sua percepção do espaço onde vivem. Os desenhos e mapas mentais podem ser uma importante ferramenta de aproximação entre professor e aluno. Utilizar os mapas mentais enquanto meio para a aprendizagem da paisagem, para compreender melhor a relação entre a imagem produzida pela televisão ou para apreender a importância de acontecimentos recentes difundidos pela mídia no conhecimento geopolítico dos alunos são algumas outras possibilidades que os desenhos têm para a educação geográfica. Mais do que isso, eles podem ajudar os próprios estudos urbanos, por revelar as percepções, representações e imagens que as crianças e jovens possuem de sua cidade, ou de outras, contribuindo assim para o conhecimento e estudo do urbano. Os desenhos e mapas mentais analisados aqui mostram alguns aspectos relevantes da configuração urbana de Sumaré, bem como alguns de seus marcos espaciais e lugares, possibilitando a reflexão nas duas frentes principais deste trabalho: a educação geográfica e as representações do urbano contemporâneo.

Palavras-chave: *representações do urbano, imagem da cidade, mapa mental, desenho, educação geográfica*

Introdução

Muitos estudiosos têm atentado para a importância da educação cartográfica nos primeiros anos do ensino fundamental, tão logo a criança vá desenvolvendo as habilidades cognitivas de representação do espaço. Jean Piaget forneceu, através de seus estudos, as principais bases para esta educação cartográfica, por investigar amplamente o desenvolvimento dessas habilidades nos primeiros anos de vida da criança (Piaget 1954; 1959; 1961; Piaget e Inhelder 1993).

Assim, a leitura de mapas, sua representação e a relação *map user* e *map maker* tornaram-se temas de relevância para as discussões da educação geográfica. Autores como Oliveira (1978 e 1996), Cecchet (1982), Almeida e Passini (1989) e Almeida (2001) ressaltaram aspectos desta discussão, destacando o papel fundamental do ensino **do** mapa, e não simplesmente o ensino **pelo** mapa, como mera ilustração.

Essas discussões têm-se concentrado nos primeiros anos da vida escolar da criança, época onde deve ocorrer a iniciação cartográfica e quando as crianças estão desenvolvendo sua capacidade de orientação espacial, lateralidade e de representação do espaço, alcançando conceituações mais sofisticadas destas habilidades. Neste trabalho, entretanto, abordamos um período posterior a este (6ª série do ensino fundamental), no qual os pré-adolescentes já deveriam ter atingido essas habilidades e procuramos entender como eles representam o espaço urbano onde vivem. Fazemos isso através de desenhos ou mapas mentais. Estes têm sido utilizados em várias áreas do conhecimento com aplicações diversas, sempre com a expectativa de revelar as percepções e as imagens que as pessoas constroem em relação a determinado lugar/espaço.

Em primeiro lugar, estabeleceremos as relações entre desenho e mapa, procurando apontar o seu caráter enquanto representação. A seguir, analisaremos os desenhos e mapas mentais dos alunos da 6ª série do ensino fundamental, da E. E. “Dom Jayme de Barros Câmara”, localizada na região central do município de Sumaré – SP. A expectativa é podermos discutir alguns aspectos sobre a representação do espaço urbano, de um lado, e da educação cartográfica, de outro.

Desenhos e Mapas: Representações

Entre as formas de inteligência, Balchin (1978) menciona quatro que abarcariam todos

os outros tipos. A graficacia é aquela que compreende as habilidades viso-espaciais englobando desde a capacidade de localização, orientação e lateralidade, até a capacidade de produzir, conceber e ler mapas, gráficos, fotografias etc. De todo o domínio da graficacia, a representação espacial, principalmente na forma de mapas, ocupam posição central.

Os mapas não são apenas úteis mas carregam visões de mundo, ideologias, história, imaginário e símbolos. Em vista disso, Dacey (1978) afirma que os mapas são, além de sistemas de informação geográfica, uma forma de comunicação, portanto, linguagem. Oliveira (1996, 187) afirma que o mapa é uma forma de linguagem mais antiga que a própria escrita, pois “o homem sempre desenvolveu uma atividade exploratória do espaço circundante e sempre procurou representar esse espaço para os mais diversos fins”. Enquanto portador de informações “escritas” nele, tornou-se também necessário a sua “leitura” (*map maker e map user*).

Kosel (2001) assinala que a Geografia sempre esteve associada às imagens, primeiramente com a preocupação de transmitir informações sobre os espaços, e num segundo momento, como forma de comunicação ou representação do espaço mensurável ou do espaço vivido. A expansão mercantilista legitima a Cartografia e a Geografia como conhecimentos científicos, através da técnica apurada e do rigor matemático. Assim, “as representações ou imagens cartografadas das paisagens [...] propiciavam visibilidade espacial, permitindo identificar as regiões pela superposição dos mapas temáticos.” (Kosel 2001, 167)

Enquanto forma de representação, a graficacia se manifesta primeiramente na forma de desenho. Neles Piaget e seus colaboradores identificaram os primeiros passos do desenvolvimento dessas habilidades, entendendo “o desenho como uma representação que implica a construção de uma imagem diferente da própria percepção do objeto.” (Oliveira 1996, 208) Neste sentido, os desenhos podem não apenas revelar o estágio de desenvolvimento cognitivo espacial da criança, mas também pode revelar aspectos de sua percepção do meio ambiente.

Santos (2002, 195) afirma que “trabalhar com os desenhos é trabalhar com novas formas de ver, compreender as ‘coisas’ e verificar-comprovar as próprias idéias. O indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio”. Os desenhos,

portanto, revelam o aspecto visual do pensamento e da memória (justamente a face da graficacia) sendo tanto espontâneos quanto copiativos, envolvendo assim aspectos da percepção e experiência individual e das representações e imagens culturais ou históricas. O autor complementa:

A percepção visual é um processo mental, não sendo apenas um componente secundário dos processos cognitivos. As imagens que são produzidas pela percepção visual não são apenas vicariantes. Elas têm uma evolução própria, porém, ao mesmo tempo, interdependentes dos demais processos cognitivos em um meio natural preciso em um meio cultural determinado. (Santos 2002, 198)

Muitos desses desenhos têm sido trabalhados tanto por geógrafos quanto por outros estudiosos na expectativa de compreender o mundo a partir do olhar daqueles que nele vivem. Em geral, essas representações têm sido trabalhadas como mapas mentais, revelado a forma como as pessoas percebem e compreendem os lugares. Nogueira (2002, 130) afirma que estes mapas possuem representações muito mais significativas do que apenas pontos de referência para orientação espacial. “Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar.” Neste sentido, tais mapas mentais, ou desenhos, são de extrema riqueza para geógrafos e professores de geografia, constituindo-se num material didático muito importante para a compreensão dos lugares e o envolvimento dos alunos.

Niemeyer (1994, 06), que utilizou desenhos e mapas numa pesquisa sobre orientação espacial em antropologia, afirma que “Os mapas e desenhos [...] mostram a percepção do ambiente em um dado momento. Representam um recorte num processo lógico permanente de seleção, organização e estruturação de informações espaciais.” O mapa mental seria uma expressão externa deste processo, representando a organização cognitiva de informações espaciais que captamos ao longo de nossa existência. Neste sentido, a autora afirma que estes mapas mentais assumem, através de desenhos de esboços de mapas, várias formas, não podendo ser avaliados com os critérios de verossimilhança em relação à realidade representada, pois “[...] sempre transmitem a percepção que um determinado sujeito tem, em uma ocasião particular, sobre o meio ambiente”. (Niemeyer 1994, 06)

Almeida (2001) aponta que os “mapas das crianças” são importantes porque são representações de seu modo de pensar, que persistem mesmo quando, na escola, as crianças tenham entrado em contato com os “mapas de adulto”. Observando os

desenhos infantis, podemos notar como essa atividade lúdica transforma-se, em dado momento, num instrumento de representação.

O desenho de crianças é, então, um sistema de representação. Não é cópia dos objetos, mas uma interpretação do real, feita pela criança, em linguagem gráfica. Considerando o desenho dessa forma, pode-se ir além dos estágios do desenho infantil, e analisá-lo como expressão de uma linguagem, da qual a criança se apropria ao tornar visíveis suas impressões, socializando suas experiências. (Almeida 2001, 27)

O desenho como uma representação, portanto, implica a construção de uma imagem diferente da própria percepção do objeto (Oliveira 1996). Esta imagem é resultado da memória e da experiência, envolvendo a subjetividade e os elementos do ambiente (físico e cultural). Em sua pesquisa sobre a cidade (tele) percebida, Oliveira Jr. (1994) busca compreender os desenhos como portadores destas imagens, entendendo-os muito próximo da conceituação de mapas mentais de Gould e White (1974). O autor procura interpretar os desenhos das cidades (vivas ou não pelos seus alunos) por meio da imagem produzida pelos meios de comunicação, em especial a televisão. Assim, os desenhos mostraram-se, mesmo entre aqueles que nunca estiveram em Brasília, por exemplo, muito semelhantes, portando os mesmos ícones e trazendo, *grosso modo* a mesma imagem (tele) percebida.

No nosso caso, procuramos interpretar os desenhos (mapas mentais) que nossos alunos fizeram de sua própria cidade. As discussões aqui vinculam-se, portanto, mais fortemente à representação do espaço vivido, de um lado, e a imagem que a cidade possui no imaginário urbano. Através dos ícones e da forma de representação, podemos colher indícios da imagem que os alunos possuem de sua cidade, bem como os marcos espaciais e os lugares mais significativos, que poderia compor este mapa mental da cidade. Até que ponto este é uma imagem (tele) percebida ou uma imagem vivida, é uma questão que procuraremos discutir a seguir.

Representações do Urbano em Sumaré

O trabalho foi realizado em Abril de 2005, junto aos alunos de três turmas de 6ª série do ensino fundamental da E. E. “Dom Jayme de Barros Câmara”, situada na região central de Sumaré, São Paulo. O trabalho proposto foi que eles fizessem um desenho de Sumaré. A escolha sobre o que desenhar era livre, poderia ser um mapa, desenho do bairro onde moram ou qualquer outro elemento que eles julgassem representativos

da cidade. Foi feito apenas a ressalva de que o desenho deveria ser feito livremente e que não poderia, portanto, ser cópia de algum mapa impresso da cidade, pois o objetivo era o de analisar como eles percebiam a cidade.

No total foram feitos 39 desenhos por alunos de, em média, 13 anos de idade. Uma parte destes são moradores da região central da cidade e de seus bairros vizinhos; outra parte igualmente considerável é moradora de um bairro rural que fica numa estrada vicinal a caminho do município de Monte Mór, o Cruzeiro, e suas imediações. Dois alunos moram no bairro planejado Vila Flora (entre a Rodovia Anhanguera e o centro de Sumaré). Quanto à situação socioeconômica dos alunos, eles enfrentam realidades bastante distintas, desde as mais precárias (como alguns do Cruzeiro) até situações médias e médias baixas, mais comuns entre os alunos.

Sobre o município de Sumaré, é importante ressaltar que sua configuração territorial e malha urbana não possuem um traçado tradicional, possuindo um centro a partir do qual a cidade cresce, no modelo de uma mancha de óleo, o que a torna didaticamente complexa. Fazendo parte da Região Metropolitana de Campinas (distante menos de 30 km desta), o município teve um crescimento demográfico e econômico muito abrupto. O censo de 1970 apontava em torno de 36 mil habitantes no município. Hoje são mais de 200 mil, sem contar os outros 200 mil que moram em Hortolândia, distrito emancipado na década de 1990. O impacto na estrutura urbana e nas imagens e ícones da cidade são, obviamente, extremamente significativas.

Entretanto, este crescimento esteve sempre atrelado à expansão metropolitana, concentrando-se ao longo da via Anhanguera, que corta o município a Leste do centro, no sentido SE-NO. Assim, o tecido urbano tornou-se extremamente fragmentado, com partes bastante desconexas entre si. A região do núcleo original de Sumaré e suas imediações, hoje, não atinge os 60 mil habitantes, enquanto as imediações da Anhanguera concentram o maior contingente populacional, que mantém relações muito mais estreitas com Campinas do que com a própria Sumaré.

Dentre os alunos que fizeram os desenhos, apenas aqueles que moram no Cruzeiro (a sudoeste do centro, na região da Rodovia Bandeirantes) não vivem no núcleo central, que tem características de uma cidade pequena, com comércio local expressivo mas sem envergadura ou sofisticação. Em termos de serviços e comércio, apesar de ter se

desenvolvido muito nos últimos anos, Sumaré ainda é bastante dependente de Americana e Campinas, os dois centros mais próximos.

Já os alunos que moram no Cruzeiro, vivem a parte rural de Sumaré, distante da metropolização, embora a distância a ser vencida até o centro da cidade não chegue a uma hora de condução.

Os desenhos dos alunos, no entanto, parecem não ter refletido de forma muito direta estas diferenças entre as moradias dos alunos. Poucos colocaram suas residências ou locais de residência nos desenhos (apenas três fizeram isso de forma explícita), concentrando-se na parte central da cidade. Isto indica, de certa forma, que apesar da acentuada fragmentação urbana de Sumaré, os moradores destes dois núcleos (Cruzeiro e imediações do centro) reconhecem a centralidade por ele exercida. No total, 39 alunos participaram do trabalho, mas como três copiaram do guia de ruas da cidade, não serão incluídos no trabalho, não sendo configurados enquanto representação. Ficamos assim com apenas 36 desenhos.

Quanto às características gerais dos desenhos, 18 possuem características de mapas (preocupação em localizar no plano bidimensional os lugares, tentando reproduzir seu ordenamento e ruas) e 18 foram considerados desenhos. Dos mapas, dois representaram o município e 16 fizeram um modelo de planta de alguma região da cidade.

Os dois alunos que representaram o mapa do município (Figuras 1 e 2), incluíram o contorno do município – sem, no entanto, basear-se num mapa “oficial”, pois há discordância sobre a localização dos lugares – e apontaram a localização dos municípios limítrofes. O primeiro apresenta os principais lugares de uso coletivo dentro da cidade, a Rodovia Anhanguera, a linha do trem (antiga FEPASA) e o Ribeirão Quilombo; estes últimos correm paralelos no fundo do vale, cortando a cidade no sentido Norte-Sul, limitando o centro a Leste. No mapa, no entanto, a disposição relativa dos lugares (pontos) e das vias e ribeirão (linhas) está correspondendo à sua representação, indicando a posição percebida pelo aluno. No entanto, mesmo sem uma indicação dos pontos cardeais, os municípios limítrofes estão razoavelmente indicados, mostrando conhecimento das direções em que estes se encontram. As únicas exceções são os municípios de Hortolândia, não representado, e o de Americana, representado apesar de não ser limítrofe.

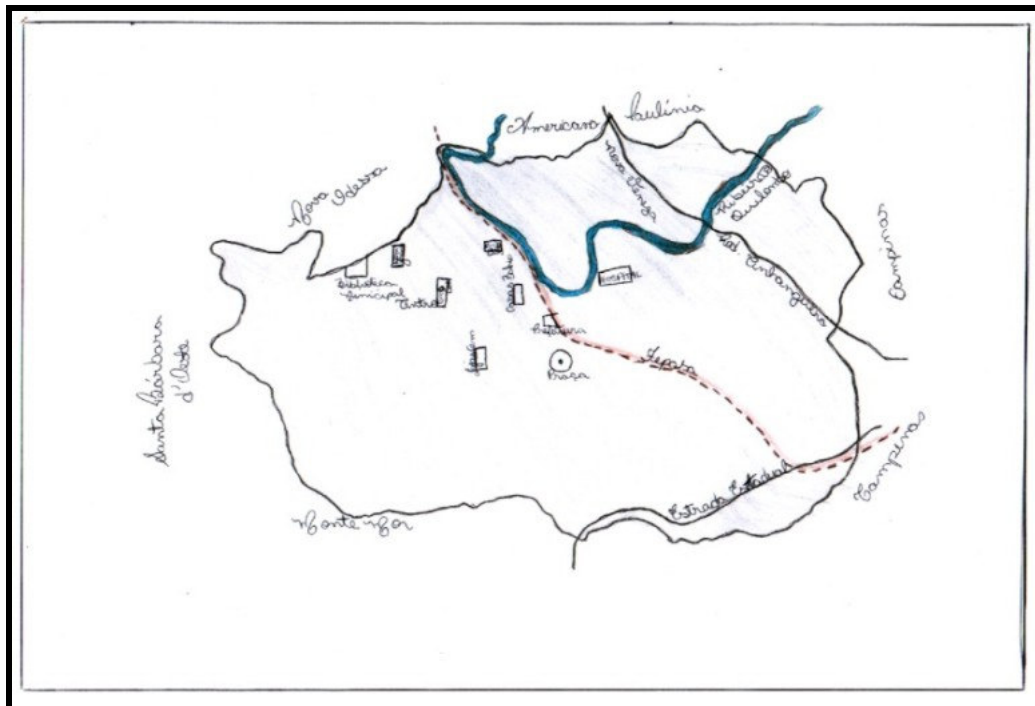


Figura 01 – Mapa do município de Sumaré, onde podemos ver os municípios limítrofes, os pontos principais da cidade, o rio Quilombo, entre outros.

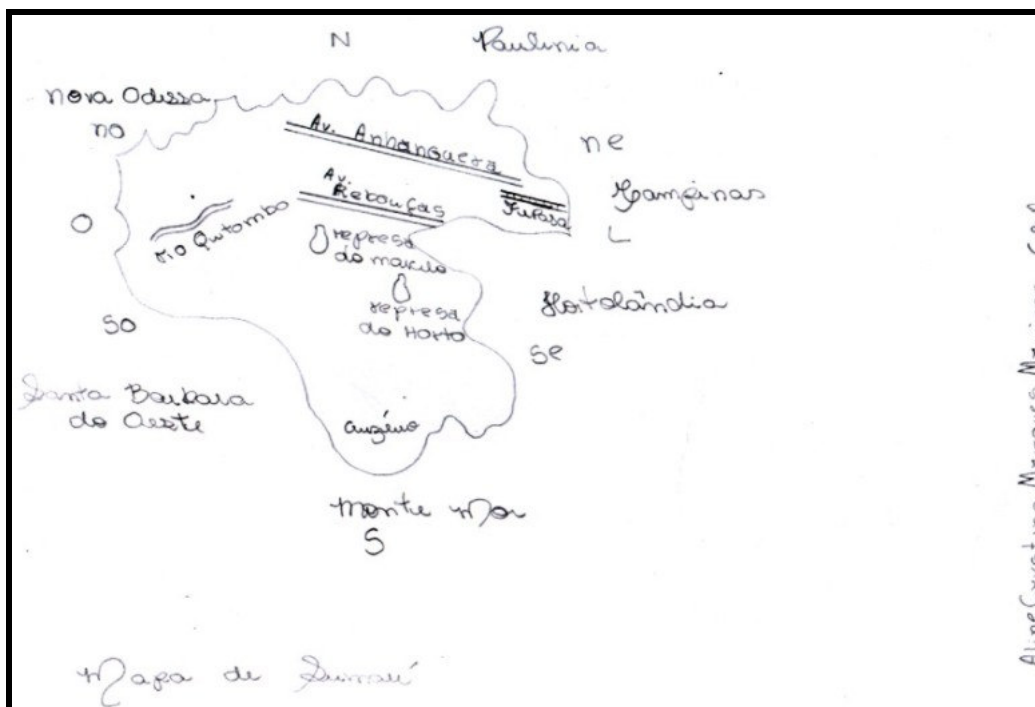


Figura 02 – Mapa do município de Sumaré, com os municípios limítrofes, os pontos cardeais, os principais corpos d'água e principais vias de acesso.

O segundo desenho, diferente do primeiro, indica os pontos cardeais e os ordinais, com uma forma do território um pouco mais aproximada do desenho do município. O desenho apresenta os municípios limítrofes mais próximos de suas posições relativas, embora não plenamente correspondendo aos pontos cardeais. As linhas (ribeirão Quilombo, Rodovia Anhanguera, Av. Rebouças e linha da Fepasa) foram representadas como ícones, como pontos, sem apresentar relação entre eles. Além destes, o desenho apresenta as duas represas da cidade (do Marcelo e do Horto), importantes lugares de lazer, e o Cruzeiro, local de moradia da autora do desenho.

Os demais desenhos que poderíamos dizer que possuíam aspirações a mapas (ou plantas da cidade) são, em sua maioria, representações do centro (o centro como um todo, a parte do comércio, ou apenas uma rua). Apenas dois alunos fizeram a planta do bairro onde mora e um fez o trajeto desde a Anhanguera até a saída para o Cruzeiro e São Paulo.

As plantas do centro foram feitas das mais variadas formas, utilizando flechas indicativas da direção do fluxo, nomeando com bastante detalhe as lojas e lugares, utilizando quarteirões (tabuleiro de xadrez), mapeando apenas algumas ruas, uma única avenida ou até uma espiral (Figuras 03, 04 e 05). Notamos nestes mapas a prevalência da orientação geral dos caminhos e trajetos feitos com mais frequência pelos alunos. Por isso a recorrência de certos marcos espaciais (os quais comentaremos à frente) e da própria orientação dos mapas: apenas um não se colocou na posição de quem chega ao centro pela sua entrada principal (vindo de Nova Veneza ou pela Anhanguera), de Oeste-Leste, passando pelo ribeirão Quilombo, pelo viaduto da Fepasa e passando pela rodoviária, pela Av. Sete de Setembro ou pela Igreja Matriz para chegar à Escola. A orientação dos mapas sempre esteve com o Oeste para cima, que é onde está a Av. Rebouças, o divisor de águas. Esta orientação pode indicar a escala da percepção na representação privilegiada dos desenhos.

Quanto aos 18 que possuem características claramente de desenhos, também há uma heterogeneidade acerca do estilo e da forma de representação. Casas ligadas por ruas, casas sem ligações, lugares de uma mesma rua dispersos pelo papel, com ruas entrecortadas ligando-os, faixadas de lojas e de casas, ícones dispersos, além de dois que desenharam uma cena de uma cidade qualquer, sem nenhuma referência a Sumaré.

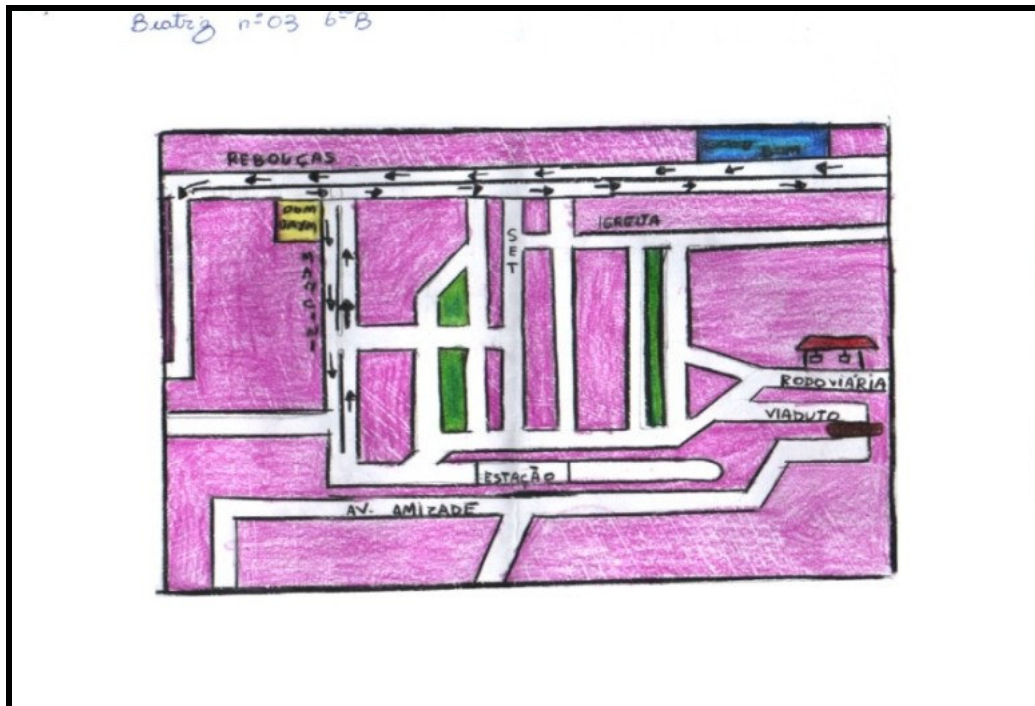


Figura 03 – Planta da região central de Sumaré, com a indicação de apenas alguns pontos (viaduto, rodoviária, antiga estação, igreja matriz, Dom Jayme e GoodBom) e as principais avenidas (Amizade, Sete de Setembro, José Mancini e Rebouças).

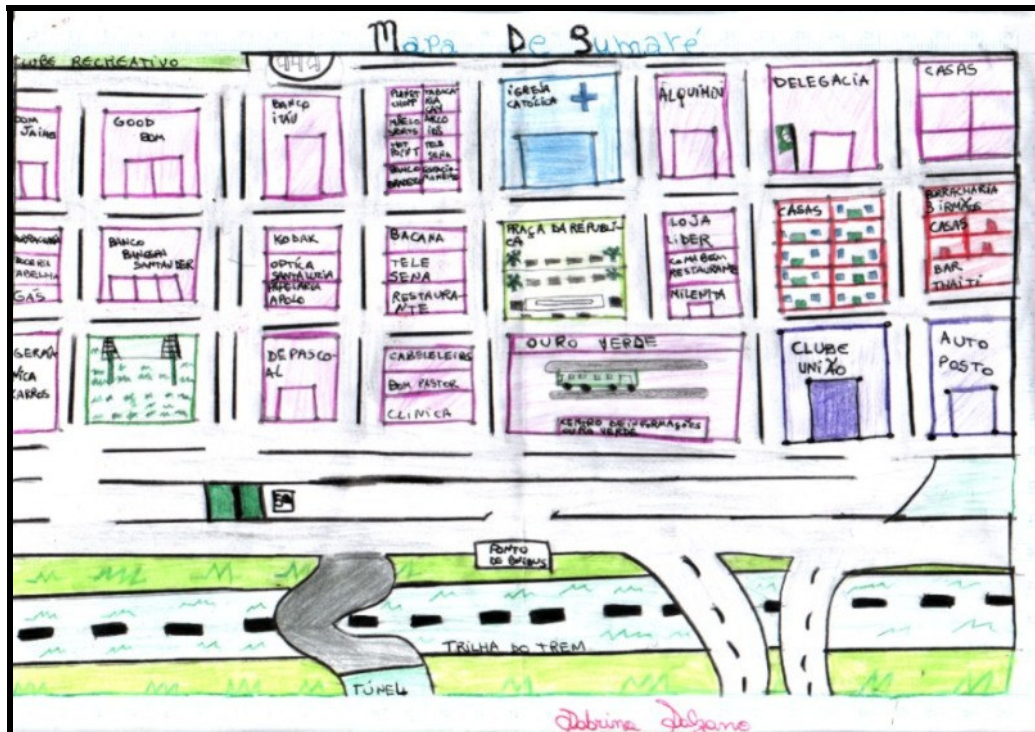


Figura 04 – Planta da região central de Sumaré. Nesta planta podemos notar a mesma orientação da Figura 03, porém com detalhamento dos lugares.

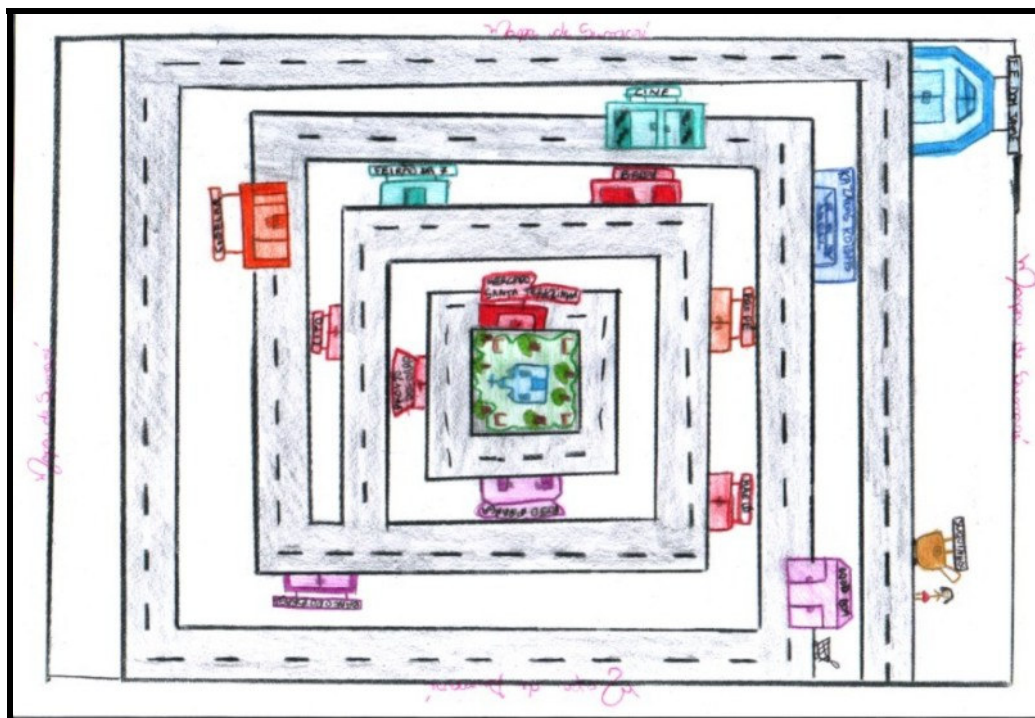


Figura 05 – Neste desenho a cidade aparece como uma espiral quadrada, com a Igreja Matriz no centro, as lojas ao longo da espiral e a escola numa posição de destaque, ao fim dele. A centralidade aqui é mostrada de acordo com a percepção da criança.

Na Figura 06 vemos representações de elementos que compõem a paisagem urbana de Sumaré, sem, no entanto, haver uma identificação específica dos ícones. Casas, a Igreja Matriz, prédios (poucos mas existentes), trânsito e árvores. Embora as ruas estabeleçam a ligação entre eles, não há um posicionamento relativo de correspondência com o mapa da cidade, embora represente a imagem de cidade do aluno.

Já a Figura 07 mostra um outro tipo de representação, menos presente entre os desenhos, de ícones isolados, sem elos de ligação. Ele desenhou quatro elementos que lhe são significativos em Sumaré: Vila Flora (a fachada da entrada), local onde mora, a escola onde estuda, uma casa (provavelmente referência às casas da cidade, ou mesmo a sua) e um caminhão, que talvez indique a profissão de algum familiar.

A Figura 08 é bastante singular no conjunto dos desenhos. Assim como o anterior, não apresenta elo de ligação entre os ícones. O papel é uma prancha onde estão colocados com certo grau de aleatoriedade as imagens e lugares que foram selecionados. O rio Quilombo aparece como um lago, há um jardim e os animais, lugares relacionados à saúde (hospital, posto de saúde e local de vacinação) e uma

casa em chamas, com a ação do corpo de bombeiros (inclusive com seu lema estampado “Prevenir e Salvar”). Aqui estão misturados elementos genéricos (jardim e animais) com locais específicos (o Quilombo e o hospital), compondo uma representação ampla, porém, profundamente marcada pela imaginação do aluno.



Figura 06 – Desenho de Sumaré, fazendo uma representação iconográfica não nominada.

Com relação aos locais que foram representados pelos alunos, tivemos pelo menos seis tipos ou categorias em que pudemos classificá-los (Tabela 01). Foram 124 lugares mencionados, dos quais consideramos apenas aqueles que estavam nomeados nos desenhos. A categoria que teve maior número de locais citados foi a dos estabelecimentos comerciais, com 70 locais diferentes (57%). Depois vieram Ruas, avenidas, praças e rodovias, com 18 citações (15%), seguidos pelos Prédios públicos e os Bairros, distritos e localidades, com 15 citações cada (12%). (Figura 09)

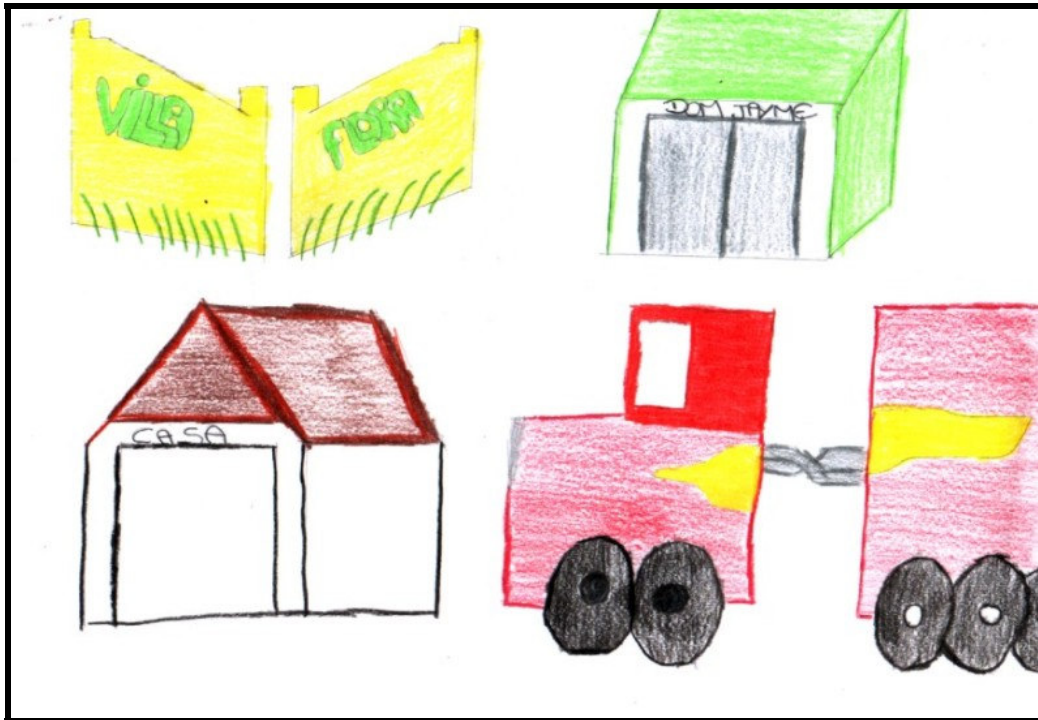


Figura 07 – Desenho que representa quatro elementos presentes na paisagem de Sumaré e que são significativos ao autor do desenho.

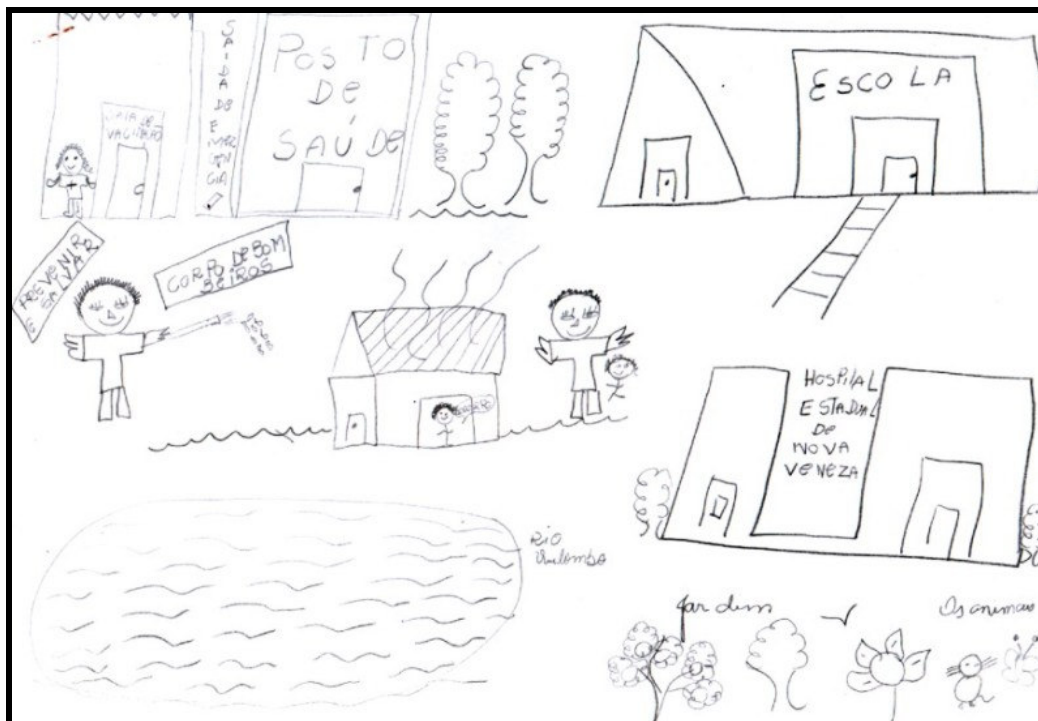


Figura 08 – Aqui os lugares não estão dispostos de acordo com sua localização, não apresentando posição relativa entre si, destacando-se as pessoas em primeiro plano.

Tabela 01 – Número de lugares representados nos desenhos por categoria

Categoria	Número de lugares citados
Estabelecimentos comerciais	70
Ruas, avenidas, praças e rodovias	15
Prédios Públicos	15
Bairros, distritos e localidades	18
Corpos d'água	3
Clubes	3
Total	124

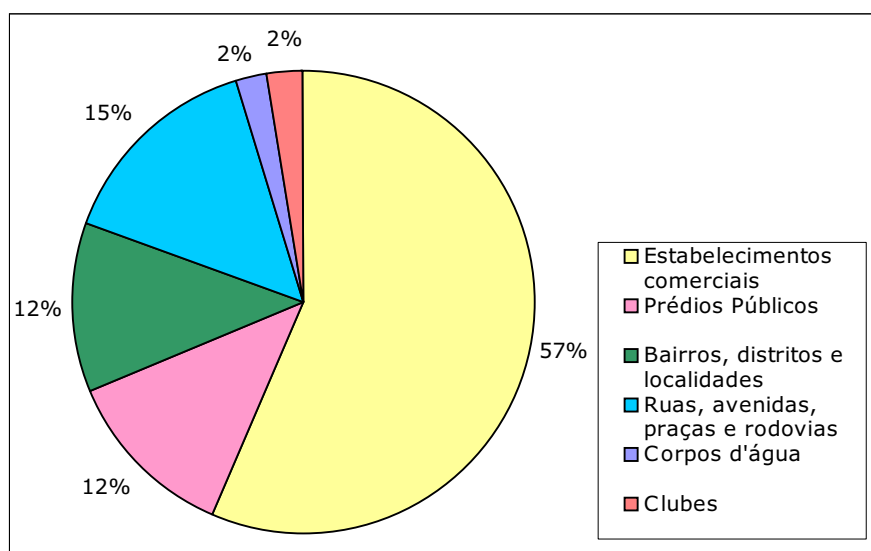


Figura 09 – Lugares representados por categorias

Quando somamos o número de citações totais, a importância dos Estabelecimentos comerciais cai um pouco, embora continue bastante preponderante (Tabela 02 e Gráfico 10). Notamos nos dados que esta é a categoria que possui o maior número de apenas uma citação, o que ajuda a justificar sua redução. O número total de citações foi de 243, sendo que destes, 48% (113) são de Estabelecimentos comerciais, 21% (52) são Prédios Públicos, 19% (47) são Ruas, avenidas, praças e rodovias e 8% (20) são Bairros, distritos e localidades. As duas categorias menos citadas nos dois critérios são Corpos d'água e Clubes, ambos com apenas 2% (seis e cinco citações respectivamente).

Tabela 02 – Total de citações dos lugares por categoria

Categoria	Quantidade de citações
Estabelecimentos comerciais	113
Prédios Públicos	52
Ruas, avenidas, praças e rodovias	47
Bairros, distritos e localidades	20
Corpos d'água	6
Clubes	5
Total	243

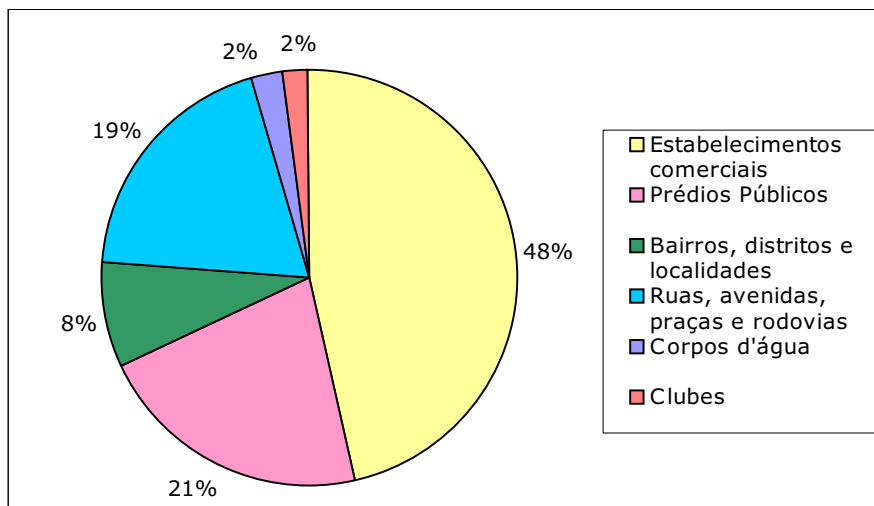


Figura 10 – Lugares representados por categoria - quantidade de ocorrências

O número elevado de estabelecimentos comerciais, seja pelo número de locais diferentes seja pelo total de citações, está ligado diretamente à representação predominante do centro da cidade. Certamente, o comércio é um dos aspectos mais marcantes dos centros urbanos, e em Sumaré, mesmo com a fragmentação do seu tecido urbano, mantém esta característica. Entre tais estabelecimentos, receberam destaque o Supermercado GoodBom, com 13 citações (Tabela 03 e Figura 11), principal estabelecimento deste tipo na cidade, que possui posição central (na Av. Rebouças, a uma quadra da praça da Matriz). Ele é um marco importante tanto em sentido paisagístico (é um grande estabelecimento em uma grande avenida) mas

também enquanto sociabilidade, seja pelas compras corriqueiras a serem feitas, seja por empregar um grande número de adolescentes.

Tabela 03 – Lugares mais citados

Lugar	Quantidade de citações
Escola Dom Jayme	17
GoodBom	13
Igreja Matriz	10
Av. Sete de Setembro	9
Av. Rebouças	7
Casas Bahia	7
Rodoviária	6
Linha do Trem	5
Ribeirão Quilombo	4
Com 3 menções	13 (39)
Com 2 menções	24 (48)
Com 1 menção	78
Total	243

O supermercado só não foi mais representado do que a própria E. E. “Dom Jayme de Barros Câmara”, que foi representada em 18 dos 39 desenhos (46,15%). A seguir temos a Igreja Matriz, com 10 citações, ocupando na maior parte dos desenhos a posição de centralidade da cidade, estando esta referência mais evidente e explícita no desenho em forma de espiral (Figura 05). Em quarto e quinto lugares aparecem respectivamente as duas avenidas principais da cidade: a Av. Sete de Setembro (nove citações), perpendicular ao leito do ribeirão Quilombo, é a principal rua de comércio da cidade; e a Av. Rebouças (sete citações), que concentra equipamentos de lazer (o Clube Recreativo, alguns bares e lanchonetes), além de comportar, em seu canteiro, uma pista de caminhada utilizada pela manhã e à tarde pela população. É a principal avenida da cidade, dando ainda acesso à cidade de Nova Odessa.

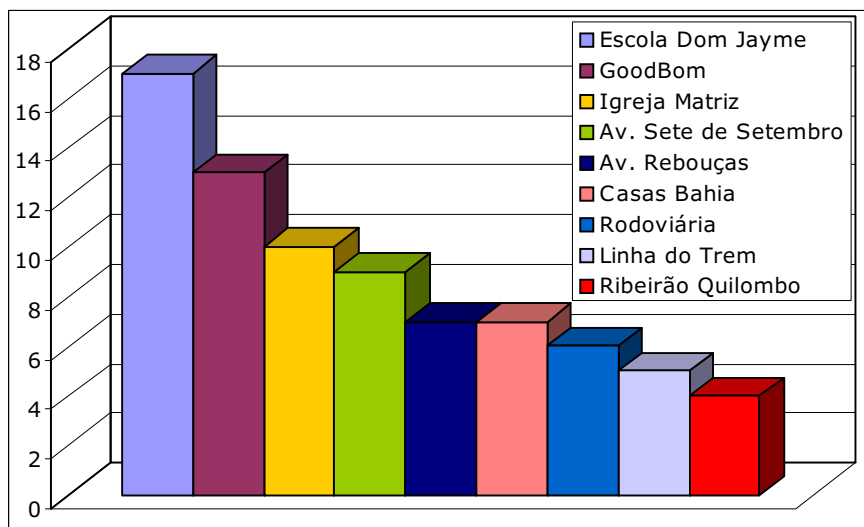


Figura 11 – Os lugares mais representados

A Casas Bahia também foi lembrada sete vezes, embora não possua atributos espaciais diferenciais de outras grandes lojas da cidade. Talvez isso se deva em virtude da força das propagandas veiculadas pela TV (muito insistentes e freqüentes), que resultou em sua freqüente lembrança, embora outras lojas de eletrodomésticos da cidade nem mesmo foram citadas. Os três últimos lugares mais citados são caracteristicamente marcos espaciais significativos em qualquer cidade, especialmente nas médias e pequenas: a rodoviária (seis citações), a linha do trem (cinco citações) e o ribeirão Quilombo (quatro citações). Estes estão no caminho de entrada da cidade, geralmente sendo difícil de desassociá-los, pois suas imagens nos remetem ao mesmo lugar.

Os demais lugares, que somam 115 do total (47,32%), receberam três, duas ou apenas uma menção (78 lugares, ou 32,1% do total foram citados apenas uma vez). Alguns ícones importantes como a Prefeitura e a rodovia Anhanguera, além dos bairros e localidades, ficaram neste grupo, com menções apenas pontuais. Isto reforça o sentido dado aos desenhos: a representação da parte mais central de Sumaré, tanto pela centralidade quanto pela composição do próprio espaço vivido dos alunos, que gravita em torno da Escola, das lojas que freqüentam e dos trajetos que costumam fazer. Por outro lado, a Igreja continua simbolizando uma forma de centralidade urbana, amarrando a relação das demais formas de centralidade com o comércio e o lazer.

Os desenhos também mostraram ausência de marcos históricos espaciais

significativos, sendo a Antiga Estação Ferroviária, por exemplo, citada apenas uma vez. Mesmo com mais de 130 anos de fundação, Sumaré carece de memória e cultura, o que também ajuda a explicar a preponderância dos estabelecimentos comerciais nos mapas mentais dos alunos.

Apesar disso, a cidade foi representada em si mesma, não estando atrelada a nenhuma outra, num modelo que remeteria à sua condição metropolitana. Ela foi representada como cidade pequena (apenas em um desenho há um edifício), mantendo as características do núcleo central da cidade. Violência ou pobreza, imagens fortes no imaginário da região quanto à Sumaré, não apareceram nos mapas mentais dos alunos, o que também indica algo acerca da realidade vivida em Sumaré e sua imagem veiculada pela mídia. Indica também a fragmentação do tecido urbano, pois não poderíamos afirmar se estas imagens não apareceriam caso os desenhos fossem feitos por alunos de outras partes da cidade. Provavelmente sim.

Independente disso, as representações mostraram-se pouco críticas quanto à situação da cidade, bem como tiveram uma excessiva preocupação em descrever a cidade. Talvez a impressão de que, como era uma atividade de uma disciplina, havia necessidade de manter-se o “rigor” ou atenção. Mesmo assim, a percepção e a subjetividade apareceram, podendo revelar vestígios destes mapas mentais e destes itinerários da percepção.

Considerações Finais

Os desenhos ou mapas mentais, entendidos enquanto portadores de representações e imagens oriundos da percepção e experiência dos alunos, pode ser uma importante ferramenta de aproximação entre professor e aluno. Tanto o professor pode ter acesso à percepção e atitudes dos alunos em relação ao meio ambiente, quanto os alunos possuem uma possibilidade para a manifestação de suas próprias opiniões sobre a cidade.

Utilizar os desenhos enquanto meio para a aprendizagem da paisagem (Santos 2000), para compreender melhor a relação entre a imagem produzida pela televisão (Oliveira Jr. 1994) ou para apreender a importância de acontecimentos recentes difundidos pela mídia no conhecimento geopolítico dos alunos (Amorim Filho e Abreu 2002), são

algumas outras possibilidades que os desenhos têm para a educação geográfica. Mais do que isso, eles podem ajudar os próprios estudos urbanos, por revelar as percepções, representações e imagens que as crianças e jovens possuem de sua cidade, ou de outras, contribuindo assim para o conhecimento e estudo do urbano.

Os desenhos e mapas mentais analisados aqui mostram alguns aspectos relevantes da configuração urbana de Sumaré, bem como alguns de seus marcos espaciais e lugares. Indicam alguns aspectos contrários às imagens que a mídia regional produz (a de cidade violenta e miserável, por exemplo), enquanto corroboram com outras (a de cidade pequena e fragmentada). O único indício de uma imagem (tele) percebida está na importância dada nos desenhos às Casas Bahia, pois os demais elementos são claramente provenientes da experiência e da percepção direta dos alunos, pois Sumaré não é uma cidade presente na mídia com intensidade nem representada em contextos culturais e históricos mais amplos. A própria memória da cidade não é muito cultivada ou exaltada (o museu histórico está relativamente abandonado e a cidade carece de manifestações artístico-culturais e da promoção de tais atividades).

Contudo, esta metodologia poderia ser melhor aproveitada utilizando-se, após os desenhos dos alunos, entrevistas com estes para que expusessem os significados contidos nos desenhos. Passaríamos assim do representado para o discurso, o que poderia complementar e aprofundar o sentido dos desenhos e mapas mentais, bem como o alcance dos dados aqui levantados.

Referências

ALMEIDA, Rosângela D. de. 2001. *Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*. São Paulo: Contexto. 115p.

ALMEIDA, Rosângela D. de e PASSINI, Elza Y. 1989. *O espaço geográfico: ensino e representação*. São Paulo: Contexto. 90p.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. e ABREU, João F. de. 2002. Imagem, representação e geopolítica. In: MENDONÇA, Francisco e KOSEL, Salete (orgs.) *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Ed. UFPR. p.233-251.

BALCHIN, W. G. V. 1978. Graficacia. *Geografia*, Rio Claro, v.3, n.5, p.1-13, abr.

CHECHET, Jandira M. 1982. *Iniciação cognitiva do mapa*. 186p. Dissertação (Mestrado

em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

DACEY, Michael F. 1978. Aspectos lingüísticos dos mapas e a informação geográfica. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, Ageteo, v.8, n.15, p.5-16.

GOULD, Peter e WHITE, R. 1974. *Mental maps*. London: Penguin Books.

KOZEL, Salete. 2001. *Das imagens às linguagens do geográfico*: Curitiba a “Capital Ecológica”. 294p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NIEMEYER, Ana M. de. 1994. Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia. *Textos Didáticos*, Campinas, IFCH-Unicamp, n.12. 24p.

NOGUEIRA, Amélia R. B. 2002. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Arioaldo U. de. (orgs.) *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto. p.125-131.

OLIVEIRA, Livia de. 1978. *Estudo metodológico e cognitivo do mapa*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP. 128p.

OLIVEIRA, Livia de. 1996. Percepção e representação do espaço geográfico. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de. (orgs.) *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Ed. UFSCAR. p.187-212.

OLIVEIRA JR., Wencesláo M. de. 1994. *A cidade (tele) percebida*: em busca da atual imagem do urbano. 224p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PIAGET, Jean. 1954. *The construction of reality in the child*. (trans. Margaret Cook) New York: Ballantine Books. 434p.

PIAGET, Jean. 1961. *La formación del símbolo en el niño*. Imitación, juego y sueño. Imagen y representación. (trad. José Gutierrez) Mexico: Fondo de Cultura Económica. 401p.

PIAGET, Jean. 1969. *The child's conception of the world*. (trans. Joan and Andrew Tomlinson) Totowa: Littlefield, Adams & CO. 397p.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. 1993. *A representação do espaço na criança*.

Porto Alegre: Artes Médicas.

SANTOS, Clézio. 2000. *O desenho da paisagem feito por alunos do ensino fundamental*. 85p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANTOS, Clézio. 2002. O uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, Nída N. e OLIVEIRA, Arioaldo U. de. (orgs.) *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto. p.195-207.